

# MÁQUINAS DESEJANTES EM REDE: INTERLOCUÇÕES ENTRE LUCIA SANTAELLA E DELEUZE & GUATTARI

*NETWORKED DESIRING-MACHINES: DIALOGUES BETWEEN  
LUCIA SANTAELLA AND DELEUZE & GUATTARI*

**Erik Marcelo da Silva Souza**

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v4i1.187>

**RESUMO:** Este artigo propõe uma interlocução conceitual entre a noção de humano hiper-híbrido, desenvolvida por Lúcia Santaella em *Humanos Hiper-híbridos* (2021), e o aparato filosófico das máquinas desejanter, dos agenciamentos e das capturas, elaborado por Gilles Deleuze e Félix Guattari em *O Anti-Édipo* (2020) e *Mil Platôs* (2011). Argumenta-se que o humano descrito por Santaella, constituído por camadas sobrepostas de mediação tecnológica, pode ser lido como um agenciamento maquinico-desejante operando em rede; contudo, esse mesmo humano está submetido a processos contínuos de captura algorítmica. O artigo identifica zonas de convergência e de tensão produtiva entre os dois campos, propondo que há uma definição de um humano-máquina, onde a cibercultura não dissolve o desejo, mas a captura, pluraliza sua mercantilização e o torna infraestrutura de manutenção da retenção de atenção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Humanos Hiper-híbridos; Máquinas desejanter; cibercultura;

**ABSTRACT:** This article proposes a conceptual dialogue between the notion of the “hyper-hybrid human”—developed by Lúcia Santaella in *\*Humanos Hiper-híbridos\** (2021)—and the philosophical framework of desiring-machines, assemblages, and captures elaborated by Gilles Deleuze and Félix Guattari in *\*Anti-Oedipus\** (2020) and *\*A Thousand Plateaus\** (2011). It argues that the human described by Santaella—constituted by superimposed layers of technological mediation—can be understood as a desiring-machine assemblage operating within a network; however, this same human is subject to continuous processes of algorithmic capture. The article identifies zones of convergence and productive tension between the two fields, proposing a definition of a human-machine in which cyberculture does not dissolve



desire but captures it, pluralizes its commodification, and transforms it into an infrastructure for maintaining attention retention.

**KEYWORDS:** Hyper-hybrid humans; Desiring-machines; Cyberculture;

## Introdução

A pergunta sobre o que é o humano na contemporaneidade tecnológica não é nova, mas adquiriu uma urgência particular nas últimas décadas, à medida que os dispositivos digitais deixaram de ser ferramentas externas e passaram a constituir a própria textura da experiência. A Lúcia Santaella, em *Humanos Hiper-híbridos* (2021), descreve esse processo como a produção de um novo tipo de sujeito: alguém que não apenas usa a tecnologia, mas que se constitui através dela, em camadas sobrepostas de mediação cognitiva, sensorial e identitária. O humano hiper-híbrido de Santaella (2021) não é um pós-humano ficcional, mas um diagnóstico do presente, que dialoga diretamente, com a perspectiva das máquinas desejanças. Por outro lado, Gilles Deleuze e Félix Guattari, em *O Anti-Édipo* (2020) e *Mil Platôs* (2011), construíram um aparato conceitual para pensar o desejo, a subjetividade e a produção social. As máquinas desejanças, o corpo sem órgãos (CsO), os agenciamentos maquínicos e os processos de territorialização e desterritorialização formam um vocabulário que permanece produtivo para ler as dinâmicas contemporâneas.

A hipótese que orienta este artigo é que o humano hiper-híbrido de Santaella pode ser lido, sob a ótica deleuzo-guattariana, como um agenciamento maquínico-desejante operando em rede e que essa leitura cruzada não apenas enriquece a compreensão do humano contemporâneo, mas revela tensões produtivas: afinal, as redes digitais desterritorializam o desejo, como poderia sugerir uma leitura otimista de Santaella, ou constituem uma nova e sofisticada máquina de reterritorialização?

O artigo está organizado em quatro seções. A primeira apresenta o conceito de humano hiper-híbrido a partir de Santaella. A segunda reconstrói o núcleo do conceito de máquinas desejanças em Deleuze e Guattari. A terceira elabora a interlocução central: o humano hiper-híbrido como acoplamento. A quarta tensiona a relação entre desterritorialização e captura algorítmica.

Lúcia Santaella parte de uma premissa semiológica fundamental: a linguagem não é apenas instrumento de comunicação, mas constitutiva

da experiência. Em *Humanos Hiper-híbridos* (2021), ela estende essa premissa ao campo da cibercultura: os dispositivos digitais<sup>1</sup> não são mediadores transparentes entre o sujeito e o mundo, mas agentes atuais desta configuração do próprio sujeito. O prefixo «hiper» é decisivo. Santaella (2021) não descreve simplesmente um sujeito híbrido, a fusão entre humano e máquina já estava em Donna Haraway com o *Manifesto Ciborgue* (2020), o que ela nomeia é uma intensificação: a quantidade, a velocidade e a profundidade das mediações tecnológicas atingiram um limiar no qual a distinção entre «usar a tecnologia» e «ser constituído por ela» torna-se inoperante. O humano hiper-híbrido está permanentemente conectado, não apenas em sentido técnico, mas existencial.<sup>2</sup> Ela identifica dimensões específicas dessa hibridização. No plano cognitivo, o sujeito externaliza funções de memória, atenção e cálculo para os dispositivos o que não significa empobrecimento, mas reconfiguração das capacidades cognitivas.

Portanto, contrariamente à crença da morte do ciberespaço, quanto mais os celulares foram se tornando multifuncionais e inteligentes, tanto mais foram permitindo práticas de acesso remoto à informação e à comunicação sem fronteiras, em qualquer lugar que o usuário esteja no espaço físico. Essas práticas construíram um novo espaço de misturas inextricáveis entre o ciberespaço e os ambientes físicos que os nossos corpos biológicos habitam. (SANTAELLA, Lucia, p.87, 2021)

No plano sensorial, os ambientes de realidade aumentada e as interfaces imersivas produzem novas arquiteturas perceptivas, vale salientar, que nossa experiência territorial, tem sido tomada pela conexão, que produz também espaços híbridos (on e offline): cardápios em QR Code, pagamentos via banco digital, documentos oficiais digitais (CNH, Título de eleitor, Carteira de trabalho), teleconsultas, trabalho remoto e assinatura digital, compõe nossa arquivonectividade. No plano identitário, os perfis digitais, os algoritmos de recomendação e as dinâmicas das redes sociais participam da constituição do “eu” tanto quanto as relações presenciais.

Tal mistura, de modo algum, significou o crepúsculo do ciberespaço. Ao contrário, ele continua a existir, mas agora, como um espaço enredado, que passou a ser chamado de espaço híbrido ou espaço cíbrido, quer dizer, um novo tipo de espaço que combina usuários conectados

- 
- 1 Entende-se aparelhos digitais aqui como: smartphones, algoritmos, redes sociais, realidade aumentada
  - 2 Santaella (2021) distingue três perfis de usuários móveis o errante, o que navega e o imersivo, como estágios progressivos de integração entre corpo e dispositivo. O hiper-híbrido corresponderia a uma sobreposição simultânea dos três.

via aparelhos móveis de comunicação. Espaços híbridos ou cíbridos ocorrem quando não mais se precisa “sair” do espaço físico para entrar em contato com ambientes digitais. A emergência da portabilidade contribuiu para a possibilidade de estar constantemente conectado a espaços digitais e de literalmente “carregar” a internet onde quer que se esteja. (SANTAELLA, Lucia, p.87, 2021)

É nesse ponto que a leitura de Santaella se aproxima, sem o nomear, do vocabulário deleuze-guattariano. Quando ela descreve o humano hiper-híbrido como um nó em uma rede de fluxos, de dados, afetos, imagens, algoritmos, está descrevendo, em outra linguagem, um agenciamento: uma composição de elementos heterogêneos (orgânicos e técnicos, individuais e coletivos, materiais e semióticos) que produz algo que nenhum de seus componentes produz isoladamente.

## **Máquinas desejantes e agenciamento em Deleuze e Guattari**

A filosofia do desejo em Deleuze e Guattari constitui uma ruptura radical com a tradição que pensa o desejo como falta, em *O Anti-Édipo* (2020), o desejo é definido como produção: não há desejo de algo ausente, mas produção de realidade pelo desejo. “O desejo é máquina, o objeto do desejo é também máquina conectada, de modo que o produto é extraído do produzir” (DELEUZE; GUATTARI, 2020, p. 43).

Essa definição tem consequências radicais. Se o desejo é produtivo, não representativo, então ele não está preso no interior de um sujeito: ele circula, conecta, corta fluxos, produz acoplamentos. As máquinas desejantes são precisamente essas unidades de produção, não metáforas do funcionamento psíquico, mas o modo de ser do desejo em sua imanência:

Isso funciona em toda parte: às vezes sem parar, outras vezes descontinuamente. Isso respira, isso aquece, isso come. Isso caga, isso fode. [...] Há tão somente máquinas em toda parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos, suas conexões. Uma máquina-órgão é conectada a uma máquina-fonte: esta emite um fluxo que a outra corta. (DELEUZE; GUATTARI, 2020, p. 7)

O corpo sem órgãos (CsO), conceito que migra de Artaud<sup>3</sup> para o vocabulário de Deleuze e Guattari (2020) é o plano de imanência sobre o qual as máquinas desejantes se inscrevem. Não se trata de um corpo sem

---

3 Ouve-se a peça radiofônica do Antonin Artaud em: <https://youtu.be/TXKUP0TD4y4?si=MF7EZJbSAoFTw3Gw>

partes, mas de um corpo antes de sua organização, antes que os fluxos sejam codificados, hierarquizados, representados. O CsO é o campo de intensidades que resiste à territorialização.<sup>4</sup> Em Mil Platôs (2011), Deleuze e Guattari deslocam o vocabulário das máquinas desejanças para o conceito mais amplo de agenciamento (*agencement*). Um agenciamento é sempre duplo: de um lado, é agenciamento maquínico de corpos, um conjunto de relações entre elementos materiais, tecnológicos, biológicos, físicos; de outro, é agenciamento coletivo de enunciação, um conjunto de regimes de signos, de modos de dizer e de subjetivar.

O processo pelo qual os agenciamentos se constroem e se desfazem envolve os movimentos complementares de territorialização e desterritorialização. Territorializar é estabilizar um agenciamento, fixar seus componentes em relações relativamente duráveis. Desterritorializar é liberar esses componentes, abrindo o agenciamento para novas conexões. Mas Deleuze e Guattari (2020) insistem: toda desterritorialização é acompanhada de uma reterritorialização, os fluxos liberados tendem a ser capturados em novas formas de codificação. O capital é o operador mais potente dessa dialética: ele desterritorializa incessantemente, mas para reterritorializar sob novas formas de exploração e controle.

## O hiper-híbrido como um duplo agenciamento-captura

Coloca-se agora a questão central: o que acontece quando se lê o *humano hiper-híbrido* de Santaella (2021) através do vocabulário de Deleuze e Guattari? Em primeiro lugar, o humano hiper-híbrido não é um sujeito que usa dispositivos: é um agenciamento-captura. Santaella descreve com precisão a fusão entre o orgânico e o técnico, entre o individual e o coletivo, entre o local e o distribuído. Mas ela o faz ainda com os instrumentos da semiótica e da comunicação, instrumentos interessantes, mas que tendem a preservar a figura de um sujeito que se constitui, ainda que de forma distribuída. Deleuze e Guattari (2020) radicalizam: não há sujeito que se constitui, há agenciamento que produz efeitos de subjetivação. O “eu” é um produto-residual, não um ponto de partida. Tendo em vista que o humano hiper-híbrido externaliza funções cognitivas para os dispositivos, sua memória é expandida pelos drives, nuvens e arquivos. O trabalho humano, passa a ser extremamente tecnificado.

4 O conceito de “corpo sem órgãos” aparece já em *O Anti-Édipo* (2020, p. 9) e é sistematizado no platô “Como Criar para Si um Corpo sem Órgãos”, em *Mil Platôs* vol. 3 (2011). O CsO não é ausência de organismo, mas plano de intensidades que

É necessária uma cautela frente à essa posição, para abriremos um lugar para pensar o “entre”, tendo em vista que não se trata de externalização como se houvesse um interior primário que depois projeta algo para fora, mas de composição maquínica: o smartphone, o algoritmo, a rede neural das Inteligências Artificiais e os protocolos de plataforma compõem juntos um agenciamento cuja potência excede cada componente. O desejo que circula nesse agenciamento não pertence ao sujeito: ele é produzido pelo próprio funcionamento do sistema, e isto é sobretudo perigoso.

Arrisco, afirmar que em segundo lugar, esta noção (arriscada) de um agenciamento-captura permite pensar o que Santaella (2021) descreve como presença contínua incessante: o humano hiper-híbrido está sempre ligado, sempre disponível, sempre registrando e sendo registrado. Essa presença contínua é a forma contemporânea de captura dos devires. O que poderia ser um plano de intensidades não cessa de ser atravessado por fluxos de dados, afetos, imagens, protocolos, *produzidos para produzir* nossos afetos, desejos, incômodos, paixões, opiniões políticas, sofrimentos e sintomas.

## **Agenciamento ou captura? O algoritmo como máquina de reterritorialização**

É aqui que a contribuição de Mark Fisher se torna indispensável. Em *Realismo Capitalista* (2020), Fisher oferece um diagnóstico empírico-afetivo do modo como o capitalismo contemporâneo captura os fluxos desejantes a ponto de tornar impensável qualquer alternativa. O realismo capitalista não é uma ideologia que se impõe de fora: é a saturação do horizonte imaginário de tal forma que o próprio desejo de outra coisa se torna ininteligível.<sup>5</sup> É necessária produzir uma relação entre estes autores contemporâneos, para pensar as máquinas desejantes deleuzo-guattarianas: pois, a digitalização propõe-nos máquinas de desterritorialização que reterritorializam com velocidade e eficiência sem precedentes. Cada nova plataforma promete liberar novos fluxos de criatividade, conexão e expressão e, de fato, libera. Mas o que se segue é a captura imediata desses fluxos em protocolos de monetização, ranqueamento e vigilância. O TikTok desterritorializa o formato do vídeo, mas reterritorializa a atenção

---

5 Fisher (2020, p. 26) descreve o realismo capitalista como a “sensação generalizada de que não apenas o capitalismo é o único sistema político e econômico viável, como que é agora impossível sequer imaginar uma alternativa coerente a ele”. No contexto digital, essa impossibilidade se expressa na naturalização do algoritmo como mediador universal do desejo.

em ciclos de atenção algorítimicamente otimizados. O Instagram libera a imagem do circuito da indústria cultural, mas a recaptura na economia da visibilidade e do corpo-produto.

Ganhando intensidade e brilho diferenciado nos desfoques e ajustes de cor, os corpos e rostos fotografados ganham aspecto fake, ao fundir informações visuais capazes de criar atmosferas inebriantes municiadas por recursos instantâneos de produção e distribuição pautados pelas convenções em alta das poses, iluminações, objetos de cena, roupas, maquiagens, truques e tantos outros quesitos. São rostos e corpos tão perfeitos, que parecem vítreos, “corpo sem poros, sem exsudação, nem excreção, funcionalizado como um revestimento de celofane, exibindo a imortal juventude da simulação.

No livro *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*, Freire Costa já discutia, em 2005, antes da ascensão do Instagram, a questão do corpo físico pronto para a visualização espetacular. A corrida pelo corpo midiático faz com que os sujeitos encontrem como moral suprema a estetização, tornando-se adultos protéticos que padecem de um fascínio crônico pela perfectibilidade corporal, transferindo sua dedicação, antes reservada aos sentimentos, para a superfície física, que deve ser trabalhada para atingir o cânone do corpo das celebridades, em uma sistemática de alheamento radical às vulnerabilidades, ao envelhecimento, à finitude e à morte. (SANTAELLA, 2021, p. 126).

Santaella, em sua descrição do humano hiper-híbrido, tende a permanecer no nível descritivo e a preservar a ambivalência do fenômeno o que é metodologicamente honesto, mas pode obscurecer a assimetria de poder que estrutura os agenciamentos digitais. Deleuze e Guattari (2020) oferecem o instrumental analítico para nomear essa assimetria: o capital opera como máquina abstrata que axiomatiza os fluxos, absorvendo as linhas de fuga e reintegrando-as como novos produtos. O desejo do hiper-híbrido é, em larga medida, desejo produzido algorítimicamente não porque o sujeito seja passivo, mas porque o agenciamento do qual participa tem uma orientação estrutural em direção à captura.

É aqui, contudo, que emerge a resistência. Deleuze e Guattari (2020) nunca abandonaram a ideia de que há linhas de fuga movimentos que escapam à codificação, que produzem diferença irreduzível ao sistema.

## **Considerações finais**

A interlocução entre Lúcia Santaella e Deleuze & Guattari não é uma aproximação forçada entre paradigmas inconciliáveis. É uma operação

filosófica que ganha em produtividade exatamente porque os dois campos (filosofia e semiótica) têm métodos e preocupações distintos. Santaella (2021) oferece um mapa preciso e empiricamente fundamentado do humano contemporâneo em suas articulações com a tecnologia. Deleuze e Guattari (2020) oferecem o aparato crítico para ler o que esse mapa esconde: a produção maquínica do desejo, os processos de territorialização, captura e os movimentos de fuga.

O humano hiper-híbrido, lido como agenciamento-captura, não é nem o sujeito autônomo da modernidade nem o consumidor passivo da crítica cultural ortodoxa. É um nó de conexões em que fluxos orgânicos e técnicos, individuais e coletivos, desejanter e semióticos se compõem e se desfazem continuamente. Mas esse nó está sempre situado em um campo de forças e o campo de forças dominante, no capitalismo digital, orienta os agenciamentos em direção à captura do desejo como dado, como produto, como infraestrutura.

A pergunta que fica, e que este artigo não resolve, mas procura formular com precisão, é: quais são as condições de possibilidade das linhas de fuga no interior dos agenciamentos digitais? É possível habitar as redes de um modo que se resista à captura algorítmica? Ou, para retomar a intuição da nota de rodapé que motivou este texto: reabrir o Anti-Édipo no século XXI é reconhecer que as máquinas desejanter já não são apenas metáforas são infraestruturas de rede. E é precisamente por isso que a filosofia do desejo permanece urgente. Parte de nossa constituição subjetiva, é atravessada constantemente pelo entrelaçamento entre as relações que estabelecemos com os outros. O que se efetiva quando esta relação é mediada pela superexploração da imagem, do cotidiano de si e desse outro?

Do mesmo modo, os sentimentos são arrancados à inferioridade de um “sujeito” para serem violentamente projetados num meio de pura exterioridade que lhes comunica uma velocidade inverossímil, uma força de catapulta: amor ou ódio já não são em absoluto sentimentos, mas afetos. E esses afetos são outros tantos [...] os afetos atravessam o corpo como flechas, são armas de guerra. (Deleuze e Guattari, p. 44, 2020)

Vale-se dos afetos, como ferramentas de controle e condicionamento. Somos incumbidos de amar algo, somos induzidos a odiar algo. Manifestações individuais, incômodos e prazeres, são mediados pelas afetações que ocorrem em nosso corpo, ao visualizarmos algo. Esses afetos,

produzidos algoritmicamente são pequenas sementes de uma engrenagem social.

Neste ponto, é importante ressaltar que a partir desta noção de atravessamento do afeto ao corpo, afetos estes, encarnados no objeto flecha, atravessam o corpo, seja ele individual ou social. Corroborando para uma ampliação teórica, a “Crítica dos Afetos” (2022), como proposta por Campello (2022), oferece uma abordagem alternativa para pensar a política e a sociedade contemporânea. Campello (2022) destaca que o afeto é uma força política que atravessa os corpos e reorganiza o campo do social, uma perspectiva que é fundamental para compreender como a cibercultura influencia os modos de relação e subjetivação contemporâneos. Pois, se utilizando de um outro autor, esse, fundamentalmente ligado a questões da tecnologia, para Pierre Lévy (1999), a cibercultura se define pelo movimento cultural de relações humanas direcionadas pelo mundo digital e virtual, denominado ciberespaço, e se define como o local das interconexões entre os computadores, baseado na estrutura da internet. É necessário salientar que, ao comentar sobre o surgimento da denominação rede social, não se refere simplesmente aos aplicativos de transformação digital das redes sociais, mas, do movimento de interação social entre sujeitos. No contexto de cibercultura, Feenberg (1991) argumenta que as tecnologias digitais e as redes, como a internet, não apenas possibilitam a comunicação, mas também moldam as interações sociais e o próprio desejo através de sistemas que são, por sua natureza, políticos. Ele vê a internet e outras formas de comunicação digital como arenas para a democratização, nas quais as pessoas podem, potencialmente, resistir e reformar estruturas de poder, dependendo de como as tecnologias são implementadas e apropriadas. Ele entende que a cibercultura é profundamente influenciada por dinâmicas de controle e resistência, em que o poder tecnológico pode ser subvertido e modificado pelos usuários, oferecendo a possibilidade de novas formas de subjetividade e de ação social. A partir da rede social como o processo de relações interpessoais entre sujeitos dentro de diversos grupos sociais - constituintes de modos de vida - dentro de um ciclo de várias outras conexões é que podemos entender o processo de redes sociais digitais. Ainda o Feenberg, em *Critical Theory of Technology* (1991), propõe que a tecnologia não é apenas um meio neutro, mas sim uma força social que molda e é moldada pelas estruturas de poder. Ele argumenta que “a tecnologia incorpora valores e interesses sociais que favorecem certos grupos em detrimento de outros, configurando tanto a subjetividade quanto às relações sociais” (Feenberg, 1991, p. 14). Essa visão

crítica sugere que a tecnologia pode servir tanto à emancipação quanto à dominação, dependendo de como é desenvolvida e utilizada, sendo crucial para entender as dinâmicas de subjetividade na cibercultura.

## Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O Anti-Édipo. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs. Vols. 1-5. São Paulo: Editora 34, 2011.

FISHER, Mark. Realismo Capitalista. Tradução de Rodrigo Gonsalves. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

HARAWAY, Donna. Antropologia do Ciborgue. São Paulo: Autêntica, 2025.

MASSUMI, Brian. A User's Guide to Capitalism and Schizophrenia: deviations from Deleuze and Guattari. Cambridge, MA: MIT Press, 1992.

PARISI, Luciana. The alien subject of AI. *Subjectivity*, v. 12, p. 27-48, 2019.

SANTAELLA, Lucia. Corpo e comunicação. Sintomas da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. Humanos Híper-híbridos. Linguagens e cultura na segunda era da internet. São Paulo: Paulus, 2021.

FEENBERG, Andrew. Critical Theory of Technology. Oxford: Oxford University Press, 1991.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Tradução de Carlos Iannone. São Paulo: Editora 34, 1999.

COSTA, Jurandir Freire. O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.